

Nuno Crespo, 2004

ESPREITAR A INTIMIDADE

«{...} Espreitar, acção tão própria do *voyeur*, implica o ter acesso a qualquer coisa proibida, a uma intimidade reservada. O poeta Rilke poderia dizer que o verdadeiro olhar poético é desta natureza, pois alimenta-se da descoberta de realidades habitualmente não visíveis – ele fala da descida ao centro de um cão, “ao núcleo da sua intimidade que faz o cão ser cão”, ou seja, espreitar para dentro do cão e aí permanecer por uns momentos na expectativa da descoberta da sua verdadeira natureza. Com Ana Vieira não existem cães, ou outro tipo de actores, na parte de trás dos painéis brancos existem salas, cozinhas, casas de banho, locais intimamente habitados, mas sem presença. Esta anuncia-se, faz-se sentir mas como uma espécie de nostalgia por elementos ausentes. Os espelhos colados nas paredes apresentam a possibilidade de entre eles poder residir a vida que o olhar, na sua acção rápida de espreitar, procura: as imagens que devolvem são fragmentadas, despedaçadas, são uma espécie de ruínas – o voyeur tem de traduzir a ruína em vida.

As imagens especulares nesta exposição caracterizam-se pela sua descontinuidade e irregularidade: a perspectiva é bizarra, inusitada, resultado da forma sempre diferente dos próprios espelhos. São robes pendurados atrás de uma porta, camas desfeitas, são sempre acessos a uma intimidade que não é daquele que espreita mas à qual, sem se saber como, subitamente se tem acesso.»

Público, 12-06-04 (excerto)

Catálogo Ana Vieira: Muros de Abrigo / Shelter Walls; Ponta Delgada [Açores], Museu Carlos Machado, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 205 (org. Paulo Pires do Vale)
